

O ENSINO RELIGIOSO EM QUESTÃO: RESGATAR A ESPIRITUALIDADE DA COMUNHÃO.

(Pe. João Mendonça, sdb)

Em Manaus, em parceria com a AEC e Colégio Paróquia Dom Bosco, surgiu a iniciativa de um Fórum sobre o ensino religioso. Coube-me a tarefa de conduzir a reflexão com grupos de professores até a realização do evento. Tarefa importante e nada fácil haja visto a problemática que envolve o “universo valórico” das pessoas, neste caso, dos jovens e dos professores, porque mexe com valores, crenças, atitudes, a partir da experiência religiosa, gerando sempre pontos de vista muitas vezes diversos porque religião é, antes de tudo, adesão a este grande cosmos de crenças que jorra sempre de um manancial que para os cristãos se chama Jesus Cristo e para outras crenças pode ser Buda, Maomé, etc.

1. QUESTÕES DE BASE:

A questão que de início me coloco é que hoje o ser humano se encontra em BUSCA de algo que lhe dê sentido de absoluto mesmo querendo e agindo sempre na experiência imediata e efêmera. A busca de significado desnuda a verdade sobre o desejo dramático, esperançoso e perigoso do ser humano de querer responder a algumas destas questões:

1. Quem sou eu neste conjunto chamado universo!
2. Qual é a minha missão neste conjunto de seres vivos!
3. Como agir para garantir um futuro decente!
4. O que posso esperar além desta vida!

2. A ESPIRITUALIDADE COMO META:

Na realidade o que está latente é o desejo de espiritualidade que garanta um significado para viver com dignidade; porque o agir humano na tentativa de eliminar o sagrado criou um vazio imenso na interioridade da própria existência, formando assim um niilismo, que hoje suscita questões de gratuidade, generosidade, futuro, amor, alegria. Este vazio somente uma real experiência de Deus pode preencher. Trata-se de uma demanda por valores não-materiais que levará a uma redefinição do ser e do agir humano, porque estamos mergulhados na materialidade, perdendo o sentido da interioridade. O ensino religioso se coloca, então, dentro deste complexo contexto humano.

O ensino religioso responde a algo fundamental para a humanidade hoje: O que é na verdade viver uma espiritualidade: Acredito que os efeitos de uma vivência espiritual produz a mudança interior, isto vai além de qualquer religião. Exatamente porque religião, religio, é crença na salvação e se relaciona com dogmas, rituais, orações. A espiritualidade, por sua parte, mexe com o espírito do ser humano e diz respeito a qualidades como compaixão, misericórdia, bondade, paciência, tolerância. Quando a religião toma o lugar da espiritualidade ela se torna puro ritualismo sem alma.

Para nós cristãos, a experiência de Jesus Cristo é uma fonte de grande espiritualidade. Ele foi místico e político sem gerar dicotomias. Místico porque teve consciência de ser Filho de Deus, Abbá. Jesus bebe das tradições antigas até chegar a romper com um sistema religioso que impedia chamar Deus de Pai. Ele inaugura com a linguagem dos pequenos o Reino da vida no qual Deus é simplesmente “o Paizinho querido” que ama também os ingratos e os maus [Lc 6,35. 10,21]. É isto que o cristianismo e dentro dele o catolicismo precisa resgatar na espiritualidade para romper com a tirania da religião.

Mas Jesus é também um político. Ele anunciou o Reino de Deus [Mc 1,5]. Um Reino que já tinha suas sementes no meio de nós desde a criação. A presença de Deus é revolucionária dentro do cosmo, da sociedade, da comunidade, da biodiversidade, porque ele está dentro de nós. A partir da interioridade do humano é que o Reino se torna expressão salvífica de Deus e não da exterioridade, sobre isto Jesus insistiu nas suas pregações e sinais. O Reino de Deus é uma presença que transforma, resgata, configura e santifica seus filhos. Jesus anunciou esta revolução de Deus chamando todos para o seguirem [Mt 5, 1-12], assumindo a luta por uma nova civilização. Isto se chama conversão interior que é capaz de produzir mudanças em tudo aquilo que o ser humano toca, olha, ama e cria.

3. O ENSINO RELIGIOSO COMO FONTE DE DIÁLOGO:

No ensino religioso precisamos destacar estas faces do ser humano: místico e o político seja em qualquer experiência religiosa. Isto fundamentará a espiritualidade e ajudará a humanidade a viver a fraternidade a partir da essencialidade. A religião é apenas o cano por onde a água passa, mas ela não é a água. A água é a espiritualidade que jorra da forma espiritual interior do ser humano. Quando transformamos o cano (religião) em fim impedimos que o manancial jorre água em abundância e matamos a busca de significado.

Outra questão importante no ensino religioso é saber discernir sobre a verdadeira experiência de transcendência. Nem tudo aquilo que provoca emoções fortes ou curas podem ser verdadeiras experiências do divino agindo no ser humano. Hoje o “mercado religioso” ganhou proporções enormes e se cultua mercadorias religiosas nas prateleiras das religiões que são verdadeiros supermercados. Estamos diante do fenômeno do excesso de credulidade que coloca em xeque as expressões religiosas institucionalizadas. Cresce uma forma religiosa individualista e imediatista, um misticismo eclético, esotérico, reações fundamentalistas e fanáticas, pior ainda, vende a fé como produto. Tem gente no catolicismo fazendo este comércio. Jesus expulsou os mercadores do templo, hoje ele faria pior. É preciso, então, fazer refletir sobre estas pseudo-transcendências e ajudar a penetrar na interioridade. Um dos fenômenos resultantes desta farândola religiosa é o fundamentalismo atual, perigoso e dramático.

No interior da religiosidade cristã temos uma ebulição religiosa jamais vista e preocupante. O mundo evangélico foi invadido pela onda do pentecostalismo e do neopentecostalismo. A primeira onda acolheu o povo que chegava do mundo rural e

passavam pela experiência do urbanismo. Eles foram agregados por igrejas que fortaleceram os laços da solidariedade e do estudo bíblico, reforçado pelas esperanças apocalípticas, bênçãos e curas para as necessidades materiais num mundo novo, até então, desconhecido para eles. A segunda onda carrega as esperanças nos bens materiais, foge do espiritualismo, e joga alto com a questão do culto atraindo muitos fiéis. Nos cultos o povo vai a busca de soluções para os problemas físicos, psíquicos, econômicos. O exorcismo é usado para afastar o demônio que é considerado como o gerador de todos os males. Tem lugar para todos, principalmente os mais pobres: pessoas desempregadas, homens e mulheres traídos, alcoólatras, falidos. Todos saem dos templos ressuscitados. É uma experiência religiosa do choque espiritual.

O catolicismo não fica atrás dessa ebulição de costumes e práticas religiosas. No interior da Igreja vivemos alguns cenários eclesiais que mexem com o povo. A uma linha Doutrinária, marcada pelo catecismo, pela moral inflexível, pelos abundantes documentos do magistério, pela censura a pesquisa teológica. Gera-se, assim, uma religiosidade fria, ritualista e pouco acessível ao povo; Outra expressão é a Carismática, filha do neopentecostalismo, que se apóia no imediatismo: curas, dons de línguas, bênçãos, novenas, milagres, exorcismos, novíssimos, fenômenos místicos [...]. Trata-se de uma religiosidade que trava batalha com o universo evangélico para não perder espaço e fiéis. Não há preocupação em formar comunidades, solidariedade e senso eclesial. Os grupos são fechados, quase guetos no interior da Igreja; Uma terceira expressão é a Libertadora, hoje em crise, em purificação. Nascida nos anos 60, fruto do Concílio Vaticano II e da leitura no mesmo na América Latina com Medellín (1968) e Puebla (1978), foi idealizada uma Igreja a partir dos “porões da humanidade escravizada” em vista da libertação integral. Surgiram as Comunidades Eclesiais de Base (Cebes) com formas próprias da leitura da Palavra de Deus e da sua aplicação a partir da promoção integral dos pobres. Hoje estamos num estado de ofuscamento e de dispersão de forças no catolicismo. Está surgindo uma nova Igreja, isto é certo, talvez mais alegre, acolhedora, solidária sem renunciar a Tradição que recebeu do Evangelho e dos séculos.

Outro surto importante a não perder de vista neste diálogo é o fundamentalismo. O ninho do fundamentalismo encontra-se no protestantismo norte-americano do século XIX (1915), com a produção de textos que punham em evidência um cristianismo rigoroso, ortodoxo, dogmático, contrário a toda a modernidade. A tese na versão protestante é a de que a Bíblia é o fundamento da fé e deve ser tomada ao pé da letra. Tudo é inspiração divina, esquecendo que a Bíblia é uma experiência religiosa no seu contexto e que não pode ser assumida como um frigorífico eterno que congelou a revelação, negando assim qualquer possibilidade de interpretação da Palavra de Deus. Pois, na mesma Bíblia encontramos o texto que diz: *Muitas vezes e de diversos modos, falou Deus outrora a nossos pais e pelos profetas. Nos últimos dias falou pelo Filho* [Heb 1,1s]. Rejeitar este dinamismo da Revelação de Deus é ser intolerante porque exclui as pessoas, cria guetos, forma uma moral inflexível. Em síntese, temos aqui uma interpretação errônea da ação de Deus na história. Evidentemente o ensino religioso não vai se transformar num tribunal de inquisição, mas deve ajudar a refletir, a entender a história da religião para favorecer experiência de espiritualidade.

Também os católicos podem ser e são fundamentalistas. Quando a Igreja se colocou contrária ao espírito da modernidade negando-se a dialogar ela gerou o fundamentalismo doutrinário e o ético-moral. Quando a doutrina chega a dizer que a única Igreja é a católica e que as demais não são igrejas, ela está fortalecendo posições fundamentalistas. Quando o magistério insiste na discriminação das mulheres com referencia ao sacerdócio, na infantilização dos leigos e na centralização patriarcal do poder sagrado nas mãos do clero, é ainda ranço de uma doutrina que busca na Bíblia textos para garantir uma salvação que só tem uma vertente, Jesus mostrou que isso não é possível.

Hoje, o pentecostismo católico, está fortalecendo esta condição triste dentro da Igreja. Quando a moral dos costumes é inflexível a tal ponto de não acompanhar as conquistas da ciência e ainda defende teses que geram nas pessoas verdadeiros complexos de culpa e de exclusão, tais como: uso de preservativos, fecundação artificial, masturbação, homossexualismo, divórcio [...] Não que pregamos a libertinagem e a imoralidade, mas precisamos exercer a profecia no diálogo com o mundo e não chamando a Bíblia para dizer que isto ou aquilo está errado porque Deus disse que estava errado.

O catolicismo não pode morder a isca do fundamentalismo para sobreviver no mundo de hoje. Ele tem que ser pescador porque Jesus foi um “ pescador de pessoas”. Ele não sacrificou vidas para defender normas, pelo contrário, ele pregou que somente transformando a interioridade humana é que podemos ter ações de mudança.

Não podemos deixar de comentar o Islamismo. Que é a religião hoje mais expressivamente relacionada com o fundamentalismo, pois na sua essência prega a submissão total a Deus que tem sua doutrina revelada no Alcorão. O Islamismo é, sobretudo um estado teocrático que impõe a todos as verdades islâmicas, inclusive para os não-mulçumanos.

Não podemos esquecer que o fenômeno da globalização de mercado tornou-se também um verdadeiro fundamentalismo, pois nos escraviza aos critérios do mercado e cria um sistema de exclusão cavando mais ainda o abismo entre os muito ricos, os pobres e os muitos miseráveis. João Paulo II vem insistindo no lado positivo da globalização com a tese da solidariedade. Um mundo solidário parece ser a saída para crise de civilização que se expressa, sobretudo na fome como fenômeno até chegar as raízes mais profundas com suas causas e conseqüências. O ensino religioso para ser místico e político não pode fugir da análise institucional desta complexa realidade do agir e do ser humano.

4. A FÉ É UM PROCESSO CONSTRUTIVO:

Acredito que toda e qualquer religiosidade só é possível se aposta na liberdade das pessoas de construir sua adesão ao projeto religioso. Isto supõe superar o medo do diferente. A Fé não é uma realidade automática na vida de uma pessoa, quer dizer, o fato de ter nascido dentro de uma família cristão não garante que o sujeito será cristão como seus pais e avós. Ele será o que quiser porque a onda subjetiva do mundo pós-moderno o coloca diante de várias formas de expressões religiosas. Sua adesão será por aquela que responde a seus interesses. Isto pode ser um valor e também um problema. A fé passa a ser um dado

subjetivo, passageiro. Distancia-se mais ainda de uma integração fé-vida. O sujeito de fixa no presente perde toda e qualquer dimensão histórica. Sem uma referência histórica não se constrói nada de novo e o presente se torna pobre e dramático.

Quando se decreta a morte da história, neste caso a fé histórica, a pessoa de Jesus Cristo e de qualquer outro líder religioso se esvaece. Surge no lugar dele um personagem sem rosto, um mero guru. A Nova Era, a grande publicitária da era de aquários, prega exatamente esta doutrina. Criou-se o Cristo-cósmico, Cristo-energia. Suas reencarnações aconteceram em grandes mestres como Buda, Krishna, Maomé. Sem história o Jesus que muita gente está aderindo não tem nada do Cristo dos Evangelhos. Ele é apenas um mestre cósmico.

A Fé não pode ser assumida como algo desintegrador, mas integrador da história, da sociedade e do cosmos. Nossa fé nos revela que a história foi assumida pela Revelação. Nesta história vivemos a fé. A leitura que no ensino religioso se deveria fazer da história do cristianismo no diálogo com as outras religiões é, exatamente, mostrar este dinamismo histórico da fé que é Revelação permanente de Deus.

5. TAREFAS A SEREM PROPOSTAS:

1. Superar as barreiras do fundamentalismo quando o tema é religião. A religião é um instrumento importante por onde passa a espiritualidade;
2. Não perder de vista que o ser humano está em busca de uma experiência religiosa de significado para preencher o vazio que o materialismo exacerbado deixou e alimenta;
3. Buscar a essencialidade da espiritualidade que anima a religião e não os elementos que reforçam as distancias;
4. Ter a Bíblia como um livro sagrado que nos aproxima de variadas experiências religiosas nas quais Deus foi sentido e tocado, e que nos interpela hoje a fazermos o mesmo. A Palavra de Deus não ficou congelada no tempo, mas é uma fonte que jorra abundantemente;
5. Desnudar-se dos preconceitos religiosos e dialogar com os problemas atuais da humanidade. Nunca o ser humano foi tão sensível quanto hoje e nunca foi tão seduzido quanto hoje;
6. Doutrinas, Moral e Costumes são elementos culturais que as religiões livremente produzem, mas não podem escravizar ninguém e muito menos produzir complexos, pois 'foi para a liberdade que Cristo nos libertou' (Gal 5,1).
7. O fundamentalismo é produto de uma má compreensão do sagrado, pois nivela o ser humano a um ser manipulável pela divindade; enquanto que a única lei capaz de

salvar o homem e a mulher é aquela da consciência, sacrário onde somente Deus penetra sem causar violência;

8. Recuperar a dimensão histórica da fé para vencer as forças do imediatismo e do fundamentalismo;
9. Valorizar a dimensão vocacional intrínseca ao processo educativo.